

Ministério do Turismo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Unfinished Camp e Pivô apresentam:



UNFINISHED CAMP @ PIVÔ

Exposição / *Exhibition*
01 JUN - 31 JUL
QUA - DOM 13 - 19H
JUN 1ST - 31ST JUL
WED - SUN 1 - 7PM

Galeria Vitrine
Gratuito / *Free entry*
Classificação Indicativa Livre /
Verify Indicative Classification

P
I
V
Ô



A presente mostra integra o projeto interdisciplinar Unfinished Camp, uma iniciativa internacional da qual participam diversas instituições culturais e que parte da premissa de que é necessário escutar a nova geração de artistas para construir outros imaginários sociais e políticos acerca do mundo. Essa escuta é basilar para que se produzam outras realidades. Durante o ano de 2021, as organizações que integram o projeto convidaram jovens artistas para produzir um vídeo curto explorando a questão: “Qual é o futuro da arte em um mundo descentralizado?”.

Neste espaço da Galeria Vitrine do Pivô estão reunidos 12 dos 27 trabalhos concebidos no contexto do projeto.

Unfinished Camp@Pivô organiza-se a partir de três eixos, que se distribuem ao longo do tempo. Em cada um deles, o trabalho de um dos artistas convidados pelo Pivô para responderem à proposição inicial do projeto – biarritzzz, Christian Salablanca Díaz e o duo Lina Mazonett e David Quiroga – é colocado em diálogo com o de três artistas convidados por outras instituições.

Diversas em termos formais e temáticos, as produções selecionadas sinalizam os limites dos avanços no campo da conectividade e da Inteligência Artificial e enunciam o esgotamento e a crise de nossos modos de existência contemporâneos. Orientadas cada vez mais por práticas coletivas e transdisciplinares, as noções de tecnologia, conhecimento e ecologia são alargadas por esses artistas, que incorporam, em suas poéticas, relações de reciprocidade, solidariedade e amizade entre o humano e o não humano.

O primeiro eixo temático que compõe a mostra parte do trabalho de Christian Salablanca Díaz. Eles explicitam alguns dos mecanismos de reprodução histórica da colonialidade e afirmam a ideia de que a memória (e o direito a tê-la) é campo de disputa na era do capital informacional. Os espaços de ficcionalização que entremeiam as narrativas de despossessão e violência são produtores de outras imaginações políticas e, nesse sentido, podem ser propulsores de processos de restauração e restituição.

No eixo seguinte, que inclui o trabalho de biarritzzz, mobilizam-se as noções de conectividade e presença. Certa ancestralidade, a distopia da economia da atenção 24/7 e a resposta do corpo humano ao acoplamento de gadgets são colocadas lado a lado. Suspende-se, desse modo, o conceito de tempo linear – estamos diante de uma longa duração e de uma espiral. O tempo não pode ser capturado – ele é experienciado.

O terceiro e último eixo que compõe a mostra tem como ponto de partida o trabalho duo Lina Mazonett e David Quiroga. Nas produções reunidas neste eixo, ficcionaliza-se sobre o futuro a partir da retomada de saberes e relatos historicamente não reconhecidos nos mundos ocidentais ou orientados para o Ocidente. Mesmo com um tom às vezes pessimista diante da realidade que nos cerca, a pulsão dessas narrativas é de necessária mudança epistemológica, na qual outros sistemas e paisagens são percebidos em sua complexidade e como fonte de conhecimento.

Todos os trabalhos que integram a mostra Unfinished Camp@Pivô operam como narrativas e ficções – às vezes científicas – de outro futuro político, cada vez mais baseado na solidariedade, na descentralização e na diversidade cognitiva. Eles nos apontam para um necessário reconhecimento de que compartilhamos, junto a outras espécies, o planeta e que temos responsabilidade quase ancestral sobre aquilo que está por vir.

Ao usarmos a terceira pessoa para citar as perspectivas que nos são oferecidas pelas distintas poéticas dos artistas, não nos referimos a um sujeito nem a uma entidade formada. O nós é uma massa de mundos (Tiqqun, 2019), de tecidos de solidariedade e de dissensos em relação ao poder estabelecido. Lembrar constantemente o nós, diante da escalada conservadora e individualista que vemos no mundo, é fundamental para a construção de outro comum.

ANA ROMAN

1. TIQQUN. Contribuição para a guerra em curso . São Paulo: n-1, 2019

Unfinished Camp was conceived by the curator and artistic director of the Serpentine Galleries, Hans Ulrich Obrist and by author and cultural strategy consultant András Szántó. The Unfinished Camp network features leading organizations in visual arts, digital innovation and technology around the world – including House of Electronic Arts, The Shed, LUMA Arles, Pivô, Serpentine, UCCA, Zeitz MoCAA, The Australian Center for the Moving Image (ACMI) and The High Line in New York.

Versão em Português

CHRISTIAN SALABLANCA DIAZ

Guararí, Costa Rica, 1990

wī(ə)rləs, 2021

4'13"

“Usando a ortografia fonética do Wireless graficamente, o projeto começa como uma desarticulação verbal da palavra para gerar reflexões sobre os processos de comunicação à distância (...) O projeto é pensado como uma espécie de desprogramação, do digital ao analógico, como uma reflexão sobre a função especulativa de certos objectos atávicos, tais como os desenhos de ventiladores de penas da zona de Puriscal na Costa Rica. Estes objetos estão carregados de histórias que relaciono com a minha família, que preserva tradições de herança indígena cujas origens e significados, no entanto, são largamente desconhecidos. As diferentes narrativas (re)constituem os objetos e as suas funções (...). Reimagino o objeto como um arquivo vivo que, tendo em vista um futuro aberto, armazena diversas formas de conhecimento e dá origem a uma multiplicidade de usos e a distintas ordens simbólicas.”

Os processos de investigação artística de Christian Salablanca Diaz são influenciados por mitos e narrativas que surgem de encontros familiares com comunidades ancestrais. Ele parte de histórias de tradição oral que explicam conhecimentos antigos e simbólicos para desenvolver as suas instalações, esculturas, desenhos e performances.

HELENA UAMBEMBE

Pomfret, África do Sul, 1994

Toil

[Trabalho duro], 2021

4'41"

“Toil conta a história de uma mulher que dedicou sua vida ao ativismo e à libertação das pessoas e de seu próprio povo. Alguns podem até chamá-la de feminista. A história mostra a maneira pela qual o mundo e seus sistemas sempre desencorajaram as mulheres (...). A história inspira-se em ativistas como Winnie Madikizela-Mandela, Josina Machel, em mulheres do 32o Batalhão [unidade militar dentro da Força de Defesa Sul-Africana composta principalmente por pessoas vindas de Angola] e em mulheres que lutaram durante a guerra civil e o pós-guerra em Angola. As mulheres de Angola tiveram que lidar, no pós-guerra, com uma desigualdade econômica desproporcional e com misoginia (...). Ao caminhar em direção a um mundo descentralizado, devemos estar conscientes das injustiças históricas contra as mulheres que lutaram pelas liberdades que temos hoje e não perpetuar uma cultura de desamparo. As mulheres que lutam, que resistem às injustiças e desigualdades devem ser capazes de colher as vitórias daquilo que seмерam.”

Helena Uambembe nasceu em Pomfret, África do Sul. Seus pais são angolanos e fugiram da guerra civil. A história do 32o Batalhão, Pomfret, e a herança angolana da artista são temas importantes no trabalho da artista, que explora narrativas em torno da história e do lugar, entrelaçando símbolos ligados e material de arquivo.

THE BOTSWANA PAVILION

Botswana, África, 2019

Kgolokwe Separated Intersections

[Intersecções Separadas de Kgolokwe], 2021

8'14"

“Ao pensarmos no futuro de um mundo artístico descentralizado, olhamos para nossa casa no Botswana em busca de estímulo. (...) ‘Kgolokwe’ é uma palavra Setswana que pode ser usada para descrever um círculo ou esfera, mas que pode ser entendida, com mais precisão, como ‘coisa redonda’. Este conceito relaciona-se à maneira pela qual nos organizamos espacialmente, e que está ligada a uma geometria circular. Ao nos referirmos às intersecções circulares que caracterizam tanto as áreas rurais quanto urbanas no Botswana, consideramos a natureza polissêmica dos espaços públicos que nos aproximam, ao mesmo tempo em que nos separam (...).”

O Botswana Pavilion foi formado em maio de 2019 por quatro estudantes Botswana da Escola de Belas Artes Michaelis: Legakwana Leo Makgekgenene, Kim Karabo Makin, Thebe Phetogo, e Thero Makepe. No mesmo ano, incluíram a artista Sade Shoalane, baseada em Botswana. Influenciado pela falta de representação de Tswana na arena artística internacional, o nome do coletivo alude à Bienal de Veneza, onde Botswana ainda não participou. Ao criar uma plataforma para visibilidade internacional e intercâmbio de arte, o coletivo espera inspirar uma indústria criativa sustentável localmente.

JAZZ MONEY

Terras soberanas das nações Dharug

e Gundungurra, Austrália

We have stories for all the dark spaces inbetween

[Temos histórias para todos os espaços escuros intermediários], 2021

7'15"

“O título We have stories for all the dark spaces inbetween vem da astronomia aborígene, na qual tanto a escuridão como a luz do céu noturno contam histórias e informam nosso mundo. A expressão nos convida a considerar redes de cuidados e a compreender como todas as coisas - não apenas as visíveis - precisam ser conhecidas e mantidas. O trabalho relaciona redes de informação contemporâneas às tradicionais formas de apreensão e organização do conhecimento pelos indígenas (...). Os sistemas de informação e de conhecimento indígena no continente agora referido como “Austrália” têm sido mantidos através de histórias orais (...). No entanto, estes sistemas foram violentamente degradados e desrespeitados desde que a invasão colonial trouxe o capitalismo e a exploração. A descentralização da violência colonial forjada sobre a terra é a única maneira de restaurar nosso mundo.”

Jazz Money é poeta de herança Wiradjuri. Sua prática se concentra em torno da palavra escrita. Money é também cineasta e trabalha como artesã, artista, educadora e pesquisadora, com um interesse particular em trabalhar na articulação entre comunidades originárias e projetos digitais.

BIARRITZZZ

Fortaleza, Brasil, 1994

VIDROS DE TEMPO parte I, 2021

4'07"

“VIDROS DE TEMPO parte I é um jogo entre palavras e mundos, tempos e espelhos. Estes são os personagens desta reflexão sobre o que significa futuro e centro - ou daquilo que não significa. Através da visualidade e da filosofia dos espelhos presentes dentro de uma máquina a laser, começo a traçar idéias sobre o infinito e provocar ilusões de óticas, que também são ilusões sociais. Uma entidade, um fantasma, que uma vez me contou uma história sobre o tempo, aparece neste mundo para trazer as suas palavras mágicas. Elas ecoam através do espaço das areias, e dos mares.”

biarritzzz é uma artista interdisciplinar, cuja produção localiza-se entre a cena musical e a arte contemporânea. Através da ironia sofisticada, a artista aborda questões sobre raça, gênero e identidade, misturando vídeo arte, cultura pop e a estética da internet. Ao se declarar não afrofuturista, ela rejeita o termo estadunidense para entender as complexidades de sua herança indígena, buscando novas maneiras de atribuir a realidade na qual seu povo realmente se encontra: um complexo que nunca foi binário, dualista ou linear.

GEORGICA PETTUS

Nova York, Estados Unidos, 1997

(Zero, Zero), 2021

6'24"

“O ponto (0,0) é a origem em um gráfico cujos eixos X e Y correspondem, respectivamente, a Intimidade e Transparência. O ponto (0,0) do gráfico descreve uma relação sem apego, ponto de partida para a maioria das relações humanas. No centro do gráfico está um corpo controlador, a única força gravitacional que mantém seus corpos circundantes amarrados. (Zero, Zero) traduz visualmente a ação do algoritmo como organizador das relações sociais. Ao entregar nossos dados a uma oligarquia tecnológica, nós perdemos o controle de como as relações sociais e pessoais são construídas. Como resultado, perdemos nosso controle sobre a própria experiência. A linha entre a interface presencial e on-line se confunde, e o acaso deixa de existir.”

Georgica Pettus mobiliza o sagrado e o cerimonial como meios de preservação do tempo. A artista se interessa pela narração de histórias e por sua longa duração, e busca negligenciar a materialidade das coisas.

NAOMI LULENDO

Paris, França, 1994

All Eyes On Me

[Todos os olhos em mim], 2021

4'16"

“Devo começar dizendo que sou uma artista negra nascida em um país europeu, de descendência insular e continental, para o qual imagens

e palavras não podem ser dissociadas; e que as seguintes reflexões decorrem desta situação. Eu estava na cidade costeira de Dakar, num estado muito introspectivo, e no que diz respeito à minha posição pessoal (seja ela geográfica, espiritual, profissional e sentimental), eu sabia que o que era, e seria central para mim, nunca poderia ser o mesmo que para qualquer outro ser. Então, o que poderia ser um mundo descentralizado? (...)”

O trabalho de Naomi Lulendo explora as noções de tela e superfície, que constituem receptáculos e janelas sobre fenômenos sociais e experiências individuais. Ela inventa símbolos e imagens de vários espaços geográficos através dos quais observa suas representações e suas relações com territórios, muitas vezes qualificados como exóticos. O corpo, como espaço íntimo e social, também está no centro de suas preocupações. As obras da artista estão impregnadas de sua biografia, composta de diálogos entre suas origens congoleesas e guadalupanas, e de convivência entre a França e o Senegal.

WANG YUYU

Shanxi, China, 1991

An Attempt to Connect

[Uma Tentativa de Conexão], 2021

8'14"

“An Attempt to Connect é um trabalho de performance realizado a partir de uma escultura em processo. As peças da escultura, compostas por diversos materiais, são acopladas ao tubo de silicone, de modo que, neste movimento de junção das peças, o corpo humano, responsável pela montagem da peça, torna-se ferramenta, suporte e equipamento auxiliar à escultura. Os movimentos de encaixe - flutuantes, tensos, soltos e restritos - apontam para o desejo de se conectar.”

Wang Yuyu explora, em sua prática, pontos de intersecção e de liminaridade entre os movimentos do corpo e dos objetos. A artista explora a maneira pela qual o nível sensual e físico das experiências cotidianas pode ser transformado - e transforma - as práticas escultóricas, instalativas, imagéticas e performativas. Yuyu busca discutir a relação entre o indivíduo e a paisagem contemporânea da vida social.

MAZENETT QUIROGA

Lina Mazenett (Bogotá, Colômbia, 1989) e

David Quiroga (Bogotá, Colômbia, 1985)

Rejaguarificacion, 2021

8'15"

“Acreditamos no potencial especulativo da arte para contribuir para a descentralização do mundo. (...) A arte em um mundo descentralizado é aquela que mapeia outros mundos, invisibilizados mas existentes, e propicia um ecossistema de conhecimento. Nosso trabalho exige justiça epistêmica, reconhecendo conhecimentos e formas de habitar o mundo que foram excluídos do discurso científico, também implementamos tecnologias não ocidentais, entendendo a tecnologia em um sentido integral como uma forma de revelar e como a capacidade de conectar

diferentes corpos. A arte em um futuro descentralizado será sem dúvida reconhecida como tecnologia.”

Lina Mazenett & Davi Quiroga exploram a inter-relação entre os organismos e os mal denominados “recursos” ambientais, e como relações são apropriadas e distribuídas por meio da cultura. Em seu trabalho, a dupla propõe reflexão sobre a temporalidade, a origem e o simbolismo de alguns elementos fundamentais da economia mundial, trabalhando com materiais de origem fóssil, como alcatrão, breu, carvão e uma diversidade de minerais para criar obras que conectam os seres humanos com tempos geológicos remotos. Sua prática é inspirada por um diálogo entre a mitologia do povo amazônico e a ciência ocidental.

JOTA MOMBAÇA

Fortaleza, Brazil, 1991

NO OUTSIDE OTHER THAN CONSTANT VARIATION

[NENHUM EXTERIOR ALÉM DA VARIAÇÃO CONSTANTE], 2021

6’21”

NO OUTSIDE OTHER THAN CONSTANT VARIATION é um vídeo-ensaio que trata das idéias de movimento e descentralização em uma escala planetária. Rotação é o personagem principal dentro da narrativa fílmica, que é extraída de um texto anterior de Jota - o ensaio ficcional *O Fim como Interlúdio* (2020). Um personagem desencarnado descreve sua nova vida em um planeta sem nome, no qual as noções de margem e centro, interioridade e exterioridade, superfície e profundidade, alto e baixo, são constantemente desafiadas pelo movimento planetário. O vídeo articula uma interpretação bastante literal da rotação, uma vez que suas imagens foram gravadas em campo na Mata dos Medos (Lisboa, Portugal) por uma câmara corporal presa ao corpo de Jota. Se pudéssemos nos adaptar ao movimento planetário, e ao movimento perpétuo que constitui seus ritmos, por que precisaríamos nos descentralizar?

Jota Mombaça é uma artista interdisciplinar cujo trabalho deriva da poesia, da teoria crítica e da performance. Em sua prática altamente política, palavras sônicas e visuais desempenham um papel importante, relacionado à crítica anticolonial e à desobediência de gênero.

PAUL KOLLING

Kandel, Alemanha, 1993

193824673_14795938408.mp4 (sem título), 2021

5’37”

O vídeo toma como ponto de partida as proposições do grupo *terra0*, grupo de pesquisa que explora a criação de ecossistemas híbridos na tecnoesfera. *193824673_14795938408.mp4* retrata o momento em que um desenvolvedor, que passou sua vida trabalhando na criação de ecossistemas tecnologicamente melhorados, viaja para a primeira floresta de terra0.

Paul Kolling é membro do *terra0.org*. Seus projetos variam de objetos e trabalhos de instalação para exposições e galerias a publicações, palestras e painéis de discussão. Seus trabalhos já foram apresentados e discutidos na Ars Electronica, Biennale de Lyon, Drugo More, Furtherfield Gallery, Kunstverein Harburger Bahnhof, Schinkel Pavillon, Transmediale e Vienna Biennale (entre outros). Ele participou do BPA (Programa para Artistas de Berlim) de 2021.

MOORINA BONINI

Wurundjeri, Australia, 1996

Gowidja (After)

[Gowidja (Após)], 2021

7’44”

“Gowidja (After) realiza uma avaliação crítica dos sistemas operacionais centralizados (...) do nosso material cultural em museus, galerias e coleções, gestão territorial e práticas extrativas. Gowidja (After) apresenta um futuro próximo e liderado pela população indígena (...) Neste futuro, temos propriedade dos nossos materiais e objectos culturais, autonomia sobre a nossa representação e agência para alcançar a nossa autodeterminação.”

Moorina Bonini é descendente do clã familiar Yorta Yorta Dhulunyagen de Ulupna e da família Yorta Yorta e Wurundjeri-Woiwurrung Briggs/McCrae. Seus trabalhos estão informados por sua experiência como mulher aborígene e italiana. Sua prática é impulsionada por uma metodologia auto-reflexiva que permite o reexame de experiências vividas que influenciaram a construção da sua identidade cultural. A artista utiliza a arte vídeo como um meio para experimentar, traduzir e recontar histórias pessoais e sociais.

UNFINISHED CAMP@PIVÔ

Co-realização / Co-realization

Unfinished Camp

Audiovisual

Fusion Áudio

Tradução de textos / Translator

Bryony Parker

Revisão / Proofreading

Fabiana Pinto

Monitoria / Public guide

Felipe Salles

Orientação de público / Audience orientation

Roger's

Equipe segurança / Security team

WMServiços

Legendagem / Subtitles

Temporal Produtora

Acessibilidade / Accessibility

Temporal Produtora

Legendagem / Subtitles

Temporal Produtora

Acessibilidade / Accessibility

Temporal Produtora

AGRADECIMENTOS / Special thanks

Laura Noguera and/e Mara Abrams

PIVÔ AGRADECE AOS SEUS
MANTENEDORES / PIVÔ THANKS ITS
MAINTAINERS

Alexandra Mollof, Almeida e Dale, Ana e Marco
Abrahão, Andra e José Olympio da Veiga Pereira,
Antonia Bergamin e Mateus Gomes Ferreira,
Arystela e Bernardo Paz, Beatriz Yunez Guarita,
Carbono Galeria, Coleção Coletiva, Fabiana
Brenner, Fernanda Diamant, Fernando Marques
Oliveira, Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Kogan
Amaro, Galeria Luisa Strina, Galeria Millan,
Galeria Nara Roesler, Gomide & Co, Graham
Steele e Ulysses de Santi, Guilherme Teixeira,
Ivani Yunes, José Leopoldo Figueiredo, Mendes

Wood DM, Vera e Luiz Parreiras,
Virgínia e Daniel Weinberg, Vivien
Hertogh e Jairo Okret + aqueles que
preferiram permanecer anônimos

UNFINISHED CAMP@PIVÔ

01 de junho a 31 de julho de 2022

June 1st to July 31st 2022

PROGRAMA 01 / PROGRAM 01

01.06 – 19.06

PROGRAMA 02 / PROGRAM 02

22.06 – 09.07

PROGRAMA 03 / PROGRAM 03

13.07 – 31.07

entrada gratuita / free entry
classificação indicativa livre /
verify indicative classification

patrocínio / sponsor



co-patrocínio / co-sponsor



incentivador / incentive



parceiro / partner



realização / realization



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

